



A COREOGRAFIA DO ESPAÇO ESCOLAR: MOVER O PENSAMENTO SENTADO

Palavras-Chave: COREOGRAFIA, ESPAÇO ESCOLAR, PENSAMENTO SENTADO

Autoras:

Laís Julie Brasil BREYTON, DACO/IA – UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Rodriguez COSTAS - Ana Terra (orientadora), DACO/IA – UNICAMP

INTRODUÇÃO

A noção de coreografia passa por transformações epistemológicas que a ampliam de uma notação escrita para a dança, para um agenciadora de estruturas cinéticas. Isso significa que o que antes era entendido como sequências fixas de movimentos dançados e planejados em signos no papel, passa a ser compreendida como função perceptiva que dá forma a movimentos em um espaço-tempo estruturado por humanos e/ou não humanos.

A palavra coreografia, impressa pela primeira vez na obra *Chorégraphie* de Feuillet em 1700, descrevia um plano cinético prévio, formatado em uma projeção virtual de uma folha em branco para a tridimensionalidade de uma sala de dança. O dançarino move-se mantendo os lados do livro paralelos às paredes da sala e as folhas sempre paralelas ao chão, como se o chão se tratasse de uma página e as múltiplas dobraduras desse plano de composição fundassem uma dança de um corpo-hieróglifo, ou seja, um corpo-signo planejado no papel (Lepecki, 2010). Nesse sentido, para o autor, há a criação de uma fantasia de que o chão de dança é um espaço neutro, branco e liso e, com isso, há um apagamento e neutralização da brutalidade e violência que dão chão a certos espaços. O contato com o mundo, portanto, é reduzido a um ponto geométrico cuja trajetória desenha uma linha de deslocamento no plano da folha, adormecendo o entendimento de que planos de composição são uma zona de elementos heterogêneos e irregulares.

Nesta pesquisa, o plano de composição escolhido, para um estudo coreográfico, é o da escola. As filas, fileiras, números, grades, pilastras, carteiras, o controle do tempo, do espaço, dos movimentos e os anos gastos para nos ensinar a sentar e permanecer sentado agenciam estruturas cinéticas de corpos e gestos no cotidiano escolar, ou seja, criam uma coreografia da e para a escola:

Deve-se manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para a frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão, a menos que o alcance da vista não o permita; a perna

esquerda deve ficar um pouco mais avançada que a direita, sob a mesa. Deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez, mas nada é mais nocivo à saúde que contrair o hábito de apoiar o estômago contra a mesa; a parte do braço esquerdo, do cotovelo até à mão, deve ser colocada sobre a mesa. O braço direito deve estar afastado do corpo cerca de três dedos, e sair aproximadamente cinco dedos da mesa, sobre a qual deve apoiar ligeiramente. (FOUCAULT, 2014, p. 138)

Para Foucault (2014), o controle em instituições disciplinares – como a escola –, opera relações de docilidade-utilidade sob o corpo e revelam uma manipulação calculada de elementos, de gestos e de comportamentos que operam, juntos, disciplina. Esquadrinham-se, portanto, codificações de tempo, de espaço e dos movimentos que marcam duas dimensões do controle: de um lado, em termos econômicos ligados à utilidade e, de outro, em termos políticos, ligados à obediência e à docilidade.

Figura 1 - QRcode de acesso



ao site artístico da pesquisa

METODOLOGIA

Tomando o conceito de coreografia como lente para este estudo, a pesquisa tem como objetivo investigar as estruturas de movimento na escola, coletando possíveis experiências móveis desse espaço. Para tanto, foram realizadas leituras e sistematização de um conjunto de bibliografias selecionadas em torno de alguns conceitos-chave - coreografia, espaço escolar, pensamento sentado -, e na realização de laboratórios artísticos que investigam os conceitos estudados no e com o corpo. Além disso, a fim de consumir materiais que não se restringiam ao formato escrito, realizou-se levantamento e apreciação de exposições, residências artísticas, seminários e espetáculos que desdobravam questionamentos próximos aos mobilizados no tema de pesquisa.

[1] Em torno do conceito de coreografia os autores André Lepecki (2010; 2011), Juliana Moraes (2019), Susan Leigh Foster (2011) foram fundamentais para balizar uma compreensão expandida do conceito de coreografia como estrutura de organização cinética. [2] Michel Foucault (2014), Jan Masschelein (2015) por sua vez, foram importantes autores para mobilizar reflexões acerca do espaço escolar, suas funções, sentidos e estruturas. [3] Já sobre o conceito de pensamento sentado, Katia Silvia (1994), Norval Baitello (2012), Ana Maria Rodriguez Costas e Annamaria Uxa Xavier (2014) e Isabel Marques (2011) foram importantes referências que discorrem sobre a posição sentada como limitadora da inteligência cinética do corpo, e também para ressaltar a importância do movimento e da dança na escola como uma ferramenta de subjetivação dos alunos e do espaço escolar.

A fim, portanto, de relacionar com a prática em dança, a pesquisa realizou laboratórios artísticos que investigaram os conceitos a partir do corpo e da reflexão em movimento, elaborando outras formas de problematização e comunicação para além da escrita. Nos laboratórios foi possível experimentar diferentes usos de composições coreográficas no espaço utilizando cadeiras em círculos, em fileiras ou dispostas aleatoriamente como ativadoras de diferentes estados de presença em ações como ler, escrever, reunir-se para orientação e refletir sobre o tema. Caminhar, experimentar, perguntar e testar, bem como transcrever anotações e memórias no diário de bordo que me acompanhou nos laboratórios práticos, foram importantes ações para refletir sobre a experiência escolar.

Sublinho que este caminho metodológico apoia-se na concepção da “Prática como Pesquisa”, em que a prática é entendida não como simples objeto de estudo, mas como o horizonte de conhecimento por meio do corpo. Os laboratórios artísticos, portanto, se orientaram pela fricção de três eixos metodológicos: o primeiro deles é a experiência do processo artístico no corpo; o segundo, a reflexão crítica resultante da aproximação empírica; e o terceiro, o conhecimento teórico conceitual que irá dialogar com a experiência prática (GERALDI, 2019).



Figura 2 - Registro de laboratório artístico

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado de pesquisa foi possível comunicar as reflexões deste estudo no Seminário “Em Defesa da Escola: desafios das artes cênicas na educação básica” (2023), organizado pelo Grupo de Pesquisa em Pedagogia das Artes Cênicas (GPPAC), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP), além de submeter, junto a minha orientadora, um capítulo de livro intitulado “Experiências móveis no espaço escolar” que tem como objetivo traçar alguns apontamentos sobre as múltiplas coreografias na escola a partir de duas perspectivas: de um lado acerca do controle disciplinar; de outro, acerca do importante papel do movimento por meio da dança na escola. O capítulo já foi aceito e se encontra nos processos finais de editoração.

Além disso, nos últimos meses de pesquisa, com apoio do Curso de Dança da Unicamp e do FAEPEX, foi realizada uma visita técnica à exposição “PEDAGOGIA: Ocupação artística de Paulo Nazareth” (2024), sediada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), que investigava a transformação do espaço institucional em um ambiente de experiência, fruição e investigação artística. Reunindo obras do artista Paulo Nazareth, a exposição se interessou por evidenciar outras formas de ensinar e aprender dentro do espaço escolar, convidando o público a pensar

nos potenciais e limites deste espaço. Na ocupação também foi possível compartilhar alguns estudos de composição realizados nos laboratórios artísticos desta pesquisa; esta ação foi aberta ao público e aconteceu dentro de duas obras da exposição: “Quase aula” e “Espiral”.



Figuras 3 e 4 – Fotos tiradas pela pesquisadora na visita técnica à exposição de Paulo Nazareth, todas retiradas do fundo com ajuda de um software. A esquerda a obra “Espiral” e a direita a obra “Quase aula”.

CONCLUSÕES

André Lepecki (2010), no artigo “Coreopolítica e Coreopolícia”, apresenta dois modos coreográficos: de um lado, coreografias de controle – coreopolícia – em que há figuras que dominam funções cinéticas de chamar para si o monopólio sobre a determinação do espaço de circulação de tal modo que não orientam apenas o trânsito de pessoas, mas também chamam a atenção para movimentos que transgridem os sentidos de circulação; e, de outro lado, modos de estruturação coreográfica que mobilizam reflexões estético-políticas – denominado pelo autor como coreopolítica – em que há uma distribuição e reinvenção do corpo para exercer uma subjetivação entrelaçada ao movimento e ao espaço, de maneira, também, a reverter as relações de dominação impostas.

Uma coreopolítica, para o autor, seria uma política do chão, lidar com as particularidades físicas que se conformam em um plano de composição entre o corpo e o chão, estabelecendo uma relação coexistente entre o lugar e suas danças, e suas danças e os seus lugares. Nesta perspectiva, o chão da pesquisa é também o da escola. Um chão que reúne experiências, vivências e compartilhamentos. Ali nos corredores é que caminhamos de um lado a outro, usufruímos de um outro tempo e espaço para pensar sobre o mundo, tornando-o teórico e prático ao mesmo tempo. É na escola que encontramos, percebemos e conhecemos o outro para além do núcleo familiar.

Neste sentido, ela não se reduz a uma experiência única, monótona ou padronizada, ou a uma única coreografia disciplinar mas é composta de múltiplas e móveis relações com a produção de conhecimento. No livro “Em Defesa da Escola”, Masschelein (2015) frente a uma série de condenações à ela, formula uma defesa desta instituição, ressaltando sua importância para fornecer uma suspensão no tempo, ou seja, configurar-se como espaço fora de uma lógica produtiva, em que se pode vivenciar um tempo estendido para o estudo.

Esse quadro-negro ou carteira, não são, acima de tudo, um instrumento para disciplinar os jovens, como a crítica comum admite. É algo que faz com que seja possível que as coisas tomem posse de si mesmas, desligadas e libertadas de seu uso habitual, e,

portanto, publicamente disponíveis. Por essa razão, a escola sempre significa conhecimento em prol do conhecimento, e a isso chamamos de estudo. (MASSCHELEIN, 2015, p. 40)

Mesmo que sobre um mesmo chão – o da escola –, o tempo e o espaço se corporificam por escolhas construídas por aquela comunidade; a estrutura de organização cinética estabelecida é formada por um cotidiano escolar que está o tempo inteiro se movendo e inventa ali uma nova coreografia que estica os limites do controle e da disciplina. Lembre-se de sua experiência escolar: quais coreografias você seguia? E quais você criou para reinventar aquele espaço?

BIBLIOGRAFIA

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

COSTAS, Ana; XAVIER, Annamaria. Dança e a questão do corpo na escola. In: **CADERNO ARTE + EDUCAÇÃO**. São Paulo: Fundação Volkswagen e Editora Segmento, 2014.

FOSTER, Susan Leigh. **Choreographing Empathy**. London and New York: Routledge, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GERALDI, Silvia. A prática da pesquisa e a pesquisa na prática. IN: PIZARRO, Diego (et al) **Práticas Somáticas em Dança: Body-mind Centering em criação, pesquisa e performance**. Editora IFB. Brasília. 2019.

LEPECKI, André. Coreopolítica e Coreopolícia. **Revista ILHA**. 2011.

LEPECKI, André. Planos de composição. In: **CARTOGRAFIA: Criações e Conexões**. Rumos Itaú Cultural. 2009-2010.

MARQUES, I. Notas sobre o corpo e o ensino de dança. **Caderno Pedagógico**. 2011.

MASSCHELEIN, Jan. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015.

MORAES, Juliana. O conceito de coreografia em transformação. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**. Florianópolis. 2019.

SILVIA, Katia. **O corpo sentado: notas críticas sobre o corpo e o sentar na escola**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação - UNICAMP. 1994.